

# **A SABEDORIA DO POBRE SALVA A CIDADE\***

## **Leituras de Eclesiastes 9,14-16**

Wolfgang Gruen

### **Resumo**

*Como “antídoto” contra a megalomania dos poderosos, a Bíblia em Ecl 9,14-16 nos apresenta a sabedoria do pobre, a qual difere, totalmente, daquela dos que planejam a “cidade” (sociedade) sem levar em conta o seu povo. A “sabedoria é mais que acumulação de saberes, sabença. É um saber depurado: prioriza o que importa e, nele, seu sentido e relevância”. O pobre possui aquela desconfiança sábia que lhe faz ter a prudência necessária perante os grandes e ricos projetos. Gruen conclui que “o sábio pobre tem como enxergar a situação, e dar passos para furar o cerco: cultivando a utopia, a esperança, o ‘viver no mundo sem ser do mundo’ (Jo 15,19), sem medo do isolamento, e do ódio de adversários que isso implica”.*

**Palavras-chave:** Sabedoria. Pobre. Cidade. Utopia. Esperança. Medo.

### **Abstract**

*As the antidote against the megalomania of the powerful, the Bible quote of Eccl 9,14-16 presents the wisdom of the poor, which totally differs from that of those who plan the “city” (society) without taking into account the best interest of the people. “Wisdom is more than the gathering of knowledge. It’s a purified knowledge: it gives the priority to what is actually important, and unfolds its meaning and relevance”. The poor citizen is the one that possess that wisdom and rightful mistrust that grants the necessary prudence facing the big and costly projects of those times. Gruen concludes that “the wise poor is able to observe the situation and*

\* Tomamos *pobre* no sentido amplo em uso da Igreja Católica na América Latina e Caribe. Ver: SUESS, Paulo. Dicionário, 106-108, verbete *Pobre*.

*to take steps towards breaking the circle by cultivating utopia, hope, incorporating the teaching of “living at the world without belonging to it” (Jo 15,19), fearless of isolation and hatred.*

**Keywords:** *Wisdom. Poor. City. Utopia. Hope. Fear.*

## Contexto

A esperteza do fraco frente à empáfia dos fortes é tema frequente nas literaturas de diversos povos. Na *Ilíada*, Homero aplaude o estratagema do “Cavalo de Troia”, graças ao qual os gregos puderam penetrar em *Ílion* (Troia); o escravo Esopo, mestre em narrar fábulas, desfila caracteres espertinhos, embora o autor reconheça, por experiência própria, que esperteza nem sempre basta para vencer.

E na Bíblia? Obra adulta, produzida ao longo de séculos por adultos e para adultos, a Bíblia apresenta uma realidade mais complexa: trigo e joio crescem juntos até o fim da história humana. Em inúmeros textos, tanto do AT como do NT, Deus é apresentado como o protetor dos fracos; entretanto, demasiadas vezes, o fraco leva a pior. Por quê? É com aspectos dessa temática que se ocupará este artigo, tomando como fio condutor a breve parábola de *Eclesiastes* (Coélet) 9,14-16.

## Era uma vez uma pequena cidade

Com pesar pela agressão à fluência, julgamos proveitoso atermo-nos à concisão do original hebraico:

“<sup>14</sup> Cidade *pequena* e *poucas* pessoas nela. Veio contra ela um grande rei, a cercou, e construiu contra ela grandes baluartes. <sup>15</sup> Achou-se<sup>1</sup> nela um homem *pobre, sábio*, que salvou a cidade com *sua sabedoria*. E ninguém lembrou-se daquele homem *pobre*.

<sup>16</sup> E eu disse: *sabedoria* vale mais que poderio, mas a *sabedoria do pobre* é desprezada e *suas palavras* não são ouvidas.”

O texto costura três jogos de oposições imbricadas: **1<sup>a</sup>**. A cidade – *pequena*, com *poucos* moradores, *cercada* versus o *grande rei* com *grandes* baluartes. **2<sup>a</sup>**. Um *pobre*, com *sua sabedoria* (ou *sagacidade*), neutraliza o *grande rei* e seus *grandes baluartes*, com tudo o que eles implicam: ciência, técnica, arte, trabalho, dinheiro, poder. **3<sup>a</sup>**. O pobre, apesar de sábio, salvador da cidade, *antes* do feito era socialmente invisível; *depois*, volta a ser ignorado.

É uma história estranha: se acontecesse numa cidade grande, vá lá; mas numa cidadezinha de poucos habitantes? Tem algo errado aí. A vitória imprevi-

1. O verbo *matzá* admite várias nuanças de sentido: *encontrar, descobrir, topar com, acontecer, haver*; quase sempre com conotação de algo indefinido, casual, inesperado.

ta contrasta com uma revelação chocante: nem ao menos depois da vitória essa gente reconheceu a própria cegueira. “Ninguém lembrou-se daquele *pobre*”. Na conclusão, o texto não só constata a anomalia, mas aponta para sua motivação. Não diz que ninguém se lembrou daquele *sábio*: é do *pobre* que se esqueceram; é por ser pobre que sua sabedoria é ignorada, suas palavras não são ouvidas.

O Coélet generaliza o diagnóstico: é essa a sina do pobre. Aliás, há um detalhe quase imperceptível na narrativa, que reforça o diagnóstico: cadê os *soldados* que fazem o cerco? Parafraseando o deliciosamente irônico BRECHT<sup>2</sup>, poderíamos perguntar: “o *grande rei cercou a cidade e construiu grandes baluartes... tudo sozinho? Não terá levado pelo menos um cozinheiro?*” O rei é enaltecido à custa dos soldados, que imaginamos fortes, numerosos, corajosos; mas não passam de peões a serviço do grande rei; recebem o tratamento reservado aos pobres: são ignorados, como o *sábio* do outro lado do cerco. Conclusão: sabedoria vale mais que força e poder, mas o *preconceito* contra o pobre é invencível, mais forte que sua sabedoria. Na verdade, nas entrelinhas do texto, esconde-se um segredo que pretendemos focar mais adiante.

A narrativa termina em tom amargo, bem no espírito do livro: ao longo dos 12 capítulos, o Coélet resmunga 38 vezes seu conceito-chave, “*vaidade*”: tudo é vaidade; ou, em português corrente, tudo é “fugaz, ilusão, sem sentido, bolha de sabão”<sup>3</sup>. *Coélet* é autor adulto: não fica satisfeito com um ingênuo final feliz. Prefere questionar; começa e termina o livro com o estribilho “vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (1,2–12,8). Ficou pesado demais? A conclusão do livro, 12,9-14, provavelmente de um discípulo, suaviza a dureza dos questionamentos com a resposta que talvez devolva a paz ao leitor – mas poupa-lhe questionamentos que o ajudariam a amadurecer.

A história, tão concisa, constitui como um hipertexto; abriga vários “conceitos geradores” a serem aprofundados. São *links*, cujas conexões mal e mal poderemos encaminhar; e o faremos começando pelo conceito central: *pobre*.

## **Pobre / pobreza**

*Atitude prévia: consciência de nosso posicionamento social.* Toda leitura, seja de uma realidade, de um filme ou de um texto, é filtrada pelo posicionamento, nem sempre consciente, do leitor. “*Haveria duas opiniões sobre um sino rachado, se ele pudesse ouvir-se*”<sup>4</sup>. Há dois perfis básicos do pobre: um, na *ótica do não pobre*, outro na do pobre, *como ele mesmo se vê*. O exercício de “*descentramento*”, conhecido nas Ciências da Educação como “didática dos pontos de

2. BRECHT, Bertolt, 1935.

3. O termo hebraico *hével*, do sentido físico – vento, sopro, passou a significados abstratos, existenciais, como os aduzidos acima. Em português, o latim *vanus/vanitas* foi traduzido por *vão, em vão, vaidade*.

4. Mr. Macey, no *Silas Marner* (1861), de George ELIOT.

vista”, é aqui particularmente revelador. Do ponto de vista bíblico-pastoral, mais que *os bens negados* (pobre é quem *não tem* estudos, saúde, casa, emprego...), interessam *as pessoas* com seus sonhos, valores, dignidade, recursos; e não só individualmente, mas também *como coletividades*.

No AT hebraico há vários termos para designar o pobre: ‘*amî*; ‘*amav*; ‘*ebion*; *dal*; *haseer*; *raś*; *miśken*<sup>5</sup> (cf. *meşukan* em Is 40,20). Em qualquer língua, dificilmente haverá sinônimos perfeitos; menos ainda os haverá numa coletânea de escritos redigidos ao longo de séculos. Não busquemos, portanto, a conotação “padrão” de um sinônimo. Procuremos perceber o *uso* que dele se faz em determinado tempo-espaço: traduzir é interpretar. No nosso texto, o termo usado para dizer pobre é *miśken*. Ora, em todo o AT, o termo só se encontra em Ecl 4,13; 9,15 (2 vezes) e 9,16. Em que sentido? Na parábola, está em oposição ao grande rei, que faz o cerco da pequena cidade com recursos arrasadores, mas vê-se frustrado por um *miśken* sagaz e sábio. Há de ser alguém que não se impõe, domina, arrasa, não se dá ares de grandeza, não dispõe de recursos: um pobre “assumido”.

### Sabedoria do pobre

*Sabedoria* é mais que acumulação de saberes, sabença. É um *saber* depurado: prioriza o que importa e, nele, seu sentido e relevância. Não só: à raiz da sabedoria é indispensável o *viver* de acordo com essas prioridades. Aí, a necessidade é mãe da criatividade, descoberta, invenção; do novo.

Na *vida do pobre*, há numerosas *manifestações*<sup>6</sup> de *sabedoria*: no agir, na fala, na sua religiosidade. Assim, o pobre não rejeita as formas institucionais da religião. Não as critica; aliás, dispõe de poucos elementos para isso. Mas emite sinais de que ele precisa, e é capaz, de algo diferente, bem melhor para ele do que o “prato feito”, preparado por quem tem outro estilo de vida. O pobre tem outra experiência, outra lógica, outro sistema. O pobre tem os *seus* encontros e festas; *suas* devoções e religiosidade. Suas formulações da fé são poucas, retomadas frequentemente: “fique (vá) com Deus!” – “graças a Deus” – “se Deus quiser” – “Deus te abençoe!”

Sua fé flui misturada com a vida; a moral é encarada com a bem-humorada sabedoria do “jeitinho”, espécie de instintiva “hierarquia das normas”; seu espírito crítico emerge em cantos, piadas, irreverências, que invertem a desordem institucionalizada<sup>7</sup>. A vida do pobre tem função profética: é grito contra a injustiça; apelo à conversão. Sua vida é lugar privilegiado de revelação de Deus<sup>8</sup>.

5. Cf. no Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa a etimologia do nosso adj. *mesquinho*. Tanto o hebraico como o árabe são línguas semíticas.

6. Aqui, retomam-se, com modificações, traços apontados em GRUEN, W. *Catequese com os pobres*.

7. Cf. BAKHTIN, Mikhail. 1987. COX, Harvey. 1974. RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel. 1982.

8. Cf. PIXLEY, Jorge; BOFF, Clodovis. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986.

Sua sabedoria, “*matzá*”, aparece em momentos críticos: quando o vento parece soprar em favor de certos grandes projetos, o pobre desconfia; quando fracassam, ele sabe dizer o porquê. Manifesta-se com particular força na “periferia existencial” – que é o habitat dos pobres e pequenos. Como o Papa Francisco observou nos inícios de seu ministério papal, “*periferia tem sentido negativo e também positivo. Porque a realidade completa entende-se melhor não a partir do centro, mas das periferias*” (26.05.2013). Guimarães Rosa que o diga.

*Como se manifesta?* No seu cultivo da memória coletiva – da História a partir de baixo. Os pobres trabalham em silêncio: espertos, não entregam o mapa da mina. Ignorados e desprezados, não perdem o humor: como nos tempos da escravidão no Brasil, seus cantos, brincadeiras e banzés desconcertam o mais rígido opressor. A sabedoria do pobre transparece continuamente na sua *linguagem*. É significativa a “refração” de muitos conceitos, conforme forem usados nas culturas populares ou por gente estudada<sup>9</sup>.

É sinal de sabedoria saber reconhecer as próprias possibilidades, e também os próprios *limites*. Seria ideológico (em sentido negativo) achar que pobre tem condições para resolver, sozinho, qualquer problema que lhe diga respeito. Coélet não dá receitas de como enfrentar inimigos externos. Mas, com boa dose de realismo, mostra que obstáculos internos podem ser mais difíceis de superar do que os de fora: haja vista o preconceito social, obstáculo básico a ser superado pelo pobre. Vejamos.

### **Preconceito**

Em Ecl 9,14-16, o foco da parábola é *a força invencível do preconceito social*. A população da cidadezinha é pouco numerosa, e mesmo assim ninguém conhece esse sábio que salvou a cidade; afastado o perigo, ninguém o lembra. Por quê? Porque era pobre; e, para quem tem preconceito social, pobre é um ignorante; só atrapalha. É fácil fazer um inventário dos preconceitos com que a imagem dos pobres é deturpada pelos que não “sintonizam” com eles. São vistos como preguiçosos, suspeitos, violentos; *não* têm quase nada, *não* entendem as coisas mais mezinhas; só dão para trabalhos manuais. Claro, para penetrar o universo dos que alimentam tais preconceitos, é indispensável entrar na ótica do próprio pobre.

O preconceito é apenas uma faceta de um *processo psicossocial* complexo. Outras facetas são: interesses, “esquema mental”<sup>10</sup> e mentalidades diferentes em termos de religião, etnia, nacionalidade, *status* social; conflitos e temores; necessidade de classificar pessoas e grupos em “gavetas” da mente, ou *catego-*

9. Grande riqueza de exemplos em: MAYER, Anton. 1985.

10. LIBÂNIO, J.B., p. 23-32.

*rias mentais* nem sempre isentas; senso de um “nós” superior, melhor que “os outros”. Nesse clima, o que o outro diz, faz e é naquela área, passa a ser visto negativamente. Trata-se de um juízo pré-racional, arbitrário, que vai criando corpo no grupo e em seus membros; constrói um vago senso de antipatia que corrói; produz rivalidades recheadas de ironia, zombarias, calúnias, insultos – complexo venenoso que não deixa margem ao bom uso da razão.

Há *disfarces* do preconceito: mecanismos de defesa que o justifiquem perante a consciência e, não raro, enganam os incautos. Elie WIESEL (1928-), sobrevivente de campos de concentração nazistas, acena a isso numa prece a Deus: “*Meus inimigos, não te peço que os castigues, nem que os ilumines; só peço que não lhes emprestes tua máscara e teus poderes. Mas, se tiveres que ceder-lhes aquela ou esses, dá-lhes teus poderes. Não teus rostos*”<sup>11</sup>.

Como a sabedoria do pobre, também o preconceito de que ele é alvo concretiza-se na linguagem: *explicitamente*, na fala ressentida, agressiva, demolidora. Para evitar a pecha de politicamente incorreto, surgem *formas camufladas* de preconceito. Algumas vezes, ele esconde-se numa ressalva aparentemente inocente, tipo: “Até conheço muito pobre que é sábio, mas...” As camuflagens mais comuns vêm embutidas na concessiva *embora*, ou na adversativa *mas*. Um exemplo escapou até no *Catecismo da Igreja Católica*, n. 832: ao falar das comunidades eclesiais, diz que “nessas comunidades, *embora* muitas vezes pequenas e pobres, /.../ está presente Cristo /.../” (*grifo meu*). Lamentável, esse *embora*! Outro exemplo encontra-se, pasmem, em traduções bíblicas de Ecl 9,14a: várias trazem a adversativa *mas*, sinalizando oposição entre os termos *pobre* e *sábio*. Ora, essa adversativa não está no texto original, nem na versão dos Setenta, nem na Neovulgata (“*vir pauper et sapiens*”): inconscientemente, os tradutores transferiram para o autor da parábola um preconceito social que eles introjetaram.

Formando dupla com o preconceito, temos o *estereótipo*, “ideia ou convicção classificatória preconcebida sobre alguém ou algo, resultante de expectativa, hábitos de julgamento ou falsas generalizações” (HOUAISS). Pode ser positivo ou negativo. Há estereótipos em forma de piada: de determinada nacionalidade, estado de origem, sexo, profissão, religião. O estereótipo *cria expectativas*: de qualidades, características, comportamentos, modo de proceder, típicos de determinado papel social – “*role expectations*”. Essas expectativas podem provir de fora, ou também do próprio indivíduo, por introjeção do estereótipo: de tanto interiorizar o papel que dele esperam, o grupo ou pessoa acaba formatando-se de acordo com o estereótipo, dando razão ao preconceito. Acontece no futebol, na pedagogia, na pastoral: o educador que se mostra contente e esperançoso em relação aos estudantes de uma turma faz com que eles reajam positivamente no processo educativo; e vice-versa. O mesmo acontece na maneira como um grupo

11. WIESEL, Elie. 1985, p. 43.

social trata pessoas de determinada raça ou religião, e como elas reagem. Um caso interessante: falar do *bom* samaritano de Lc 10, como se fosse algo nada evidente, pode reforçar um estereótipo próprio dos judeus da época, mas não da maioria dos cristãos; Lc 10 não usa o adjetivo *bom* nesse texto.

### O preconceito na Bíblia e a partir dela

O **Antigo Testamento (AT)** não tem termo próprio para o preconceito, mas mostra que vários autores têm consciência do fato: entre povos vizinhos, e no próprio povo da Aliança. O AT expressa, sem pejo, preconceitos próprios do povo israelita: sobre os gentios e seus atos de culto; sobre as mulheres; os médicos. Os autores ora reprovam tal preconceito (como na nossa parábola), ora compartilham tranquilamente dele; cá e acolá, encontramos preconceitos até sobre pobres, e trabalhadores braçais (Eccl 33,25-29; 38,24-30).

O Novo Testamento (escrito em grego *koiné*) conhece o substantivo *prókrima*, do grego clássico, mas usa-o só em 1Tm 5,21. Várias vezes, porém, menciona o fato: Jesus foi vítima de preconceito: Jo 1,46; Mt 13,54-58; aparecem numerosos estereótipos cristãos: o do *fariseu* e do *mestre da Torah*; do *saduceu*; do *sacerdote*, das *observâncias* judaicas. Da mesma forma, os judeus criaram estereótipos negativos dos cristãos. Ao longo da história, tais estereótipos foram cultivados e ampliados. São caricaturas que não ajudam a captar a realidade, e muito menos a melhorá-la; pelo contrário, criam condições psicossociais para perseguições e injustiças.

Preconceitos e estereótipos tendo por alvo o pobre sobrevivem vigorosamente até hoje. Não só: além de obstáculos externos que o pobre tem que enfrentar são também doenças infecciosas que a própria vítima facilmente pega – por introjeção ou outros mecanismos. Nesse caso, o preconceito pode ter dois alvos: carimbar os não pobres, genericamente, com a pecha de aproveitadores, ladrões, mal-intencionados, opressores; tal generalização, além de falsa, pode afastar quem quer unir-se aos pobres na luta por uma sociedade justa. Pior é quando o pobre interioriza estereótipos negativos em relação à sua própria categoria: preconceito “bumerangue”. Acontece e muito; basta ver seus sintomas, já desde a infância: baixa autoestima<sup>12</sup> e fatalismo:

A pequena cidade sofreu com o cerco militar que sufocava a população; mas não se deu conta de outro cerco, ainda mais forte, interior, armado pelos próprios cidadãos contra o pobre – e que continuou quando o cerco exterior já tinha sido derrubado. Este, nem o sábio salvador da cidade conseguiu romper. Será que a doença é realmente incurável? Com a palavra os especialistas.

12. Um subsídio interessante para educação da autoestima de crianças negras é o modesto caderno da Ir. Marisé dos SANTOS, “*Criança negra criança linda*”. Xerox, s/d [1988].

### *Como enfrentar o preconceito*

O estudo científico do preconceito só deslanchou na segunda metade do século 20, sendo o preconceito social o mais pesquisado. A sugestão mais frequente para enfrentá-lo é: proporcionar experiência de encontro pessoal: visitar, ajudar, juntos trabalhar por uma causa humanitária; essa proximidade dá visibilidade positiva ao pobre, aumenta a empatia para com ele, possibilita o descentramento, reduz a ansiedade a seu respeito, abre novos horizontes. Claro, as vítimas do preconceito social não esperaram os diagnósticos dos cientistas: com frequência, amadureceram e deram o seu jeitinho. Um pouco por toda parte, aprenderam técnicas de *conscientização*, cultivaram a *utopia*, mantiveram acesa a chama da *esperança*. A seguir, alguns toques sobre cada um desses recursos.

### *Conscientização*

Hoje, raramente será ainda o caso de promover conscientização através da *alfabetização* (Paulo Freire); o *método de conscientização* como tal continua válido e eficiente. Para uma rápida introdução ao assunto, veja, entre outros, artigo de P. FEITOSA para as *Assessorias Jurídicas Universitárias Populares*<sup>13</sup>.

### *Visão de futuro*

Em nosso mundo complexo e injustamente desigual não podemos contentar-nos com suspiros, preces e recomendações: é indispensável dar algum passo, por pequeno que seja. Meras palavras são analgésico: tranquilizam a consciência e, por algum tempo, fazem esquecer o problema. Tampouco podemos contentar-nos com uma programação artesanal, quando o grupo é capaz de algo mais adequado: o que merece ser feito, merece ser bem feito. Buscar-se-á o *know-how* de técnicos, com a análise de experiências já feitas. Serão estabelecidas metas possíveis; para imprevistos, essa estratégia prevê alternativas que permitam levar adiante o projeto. É a “*Visão de futuro*”, adotada no planejamento estratégico de empresas. Espontaneamente, vem sendo praticada há tempo por quem planeja alguma atividade importante, na agricultura, comércio, ensino, na pastoral. Responde às perguntas: *aonde queremos chegar? De que modo? Com que recursos?* Alma do processo é o espírito empreendedor, confiante, sem medo de enfrentar dificuldades. Quando o ambiente em que trabalhamos é de poucos recursos, materiais e humanos, procurar-se-á manter vivo o sonho, dando os passos possíveis. Como cantou o José Vicente das CEBs, no seu conhecido “*Eu quero ver acontecer*”:

*“Sonho que se sonha só / pode ser pura ilusão,  
Sonho que se sonha juntos / É sinal de solução”.*

13. FEITOSA, Pedro, 2011.



## Utopia

É nesse contexto que se insere o conceito, aparentemente quase sinônimo, de *utopia*.

Em 1516, o inglês Thomas More, pensador humanista, escritor, político e estadista, católico de fibra e mártir, refletindo sobre as limitações sociais e políticas que ele via nos países que visitava, escreveu, em latim, uma obra que teve enorme repercussão. Nela descrevia uma ilha imaginária, em que a sociedade e todas as suas instituições sociais e políticas funcionavam perfeitamente bem. Era uma república, em que tudo era coletivo; sem exército; sem dinheiro; sem propriedade privada; todos os cultos eram permitidos, sendo proibido importunar quem professava outra crença.

Era uma *crítica* dos desmandos sociais e políticos, comuns por toda parte; mas não era um *projeto* concreto de mudança: mistura aspirações com *nonsense*. Basta ver uns tantos nomes próprios de origem grega: o rio *Anidro* (= sem água), a capital *Amauroto* (= escura) e, para não deixar dúvidas, o nome da ilha e do livro, *Utopia* (= não lugar). *Utopia* passou a designar uma sociedade imaginária, apresentada como crítica da sociedade atual, alternativa desejável, embora impossível nas atuais circunstâncias.

A rigor, *utopia* refere-se a uma realidade social em sua totalidade, não apenas a alguns de seus aspectos, ainda que importantes. Em exposições recentes, Marilena CHAUI<sup>14</sup> pontualizou com clareza algumas características da utopia: ela é *normativa*: descreve o mundo como deve ser. É *totalizante*: trata de “outra sociedade”. É *radical*. É *prematura*: as ideias que a compõem ainda não podem ser postas em prática como programa. É possível teoricamente, mas sem certeza de sua realização.

A utopia floresce em espaço e tempo de risco. Surge a pergunta: vale a pena apresentar uma utopia a um povo que sofre discriminação, desigualdade social, preconceitos, sabendo, no íntimo, que a realidade é tão complexa e infectada, que uma mudança profunda e sistêmica é praticamente impensável no momento? É comum, talvez inconscientemente, diluir a utopia em documentos, hinos, eventos, belas palavras de ordem, bonitos exemplos; – mas depois, não se avalia nem cobra nada, e no ano seguinte passa-se a outro paliativo semelhante. Ora, as lideranças não têm o direito de iludir o povo que nelas confia. Diante disso, alguns preferem dizer, sem rodeios, que “podem tirar o cavalo da chuva”: isso já está durando há milhares de anos, e não vai ser derrubado em duzentos ou cem anos. Mas é duro. As lideranças têm o direito de apagar o pavio da esperança que ainda está fumegando?

14. Entre outras produções, cf. sua substanciosa conferência sobre *Utopia* na UFBA, aos 26.3.2010, acesso na internet.

A resposta talvez esteja no equilíbrio, como terceira opção: não pararmos na utopia: estudar os passos possíveis na prática, para caminhar em direção ao resultado desejado; transformar o *não* em *ainda não*. Ou seja, planejar uma *visão de futuro* realista, modesta, possível, e, dessa maneira, manter acesa a *esperança* de pelo menos alguma pequena mudança. Por exemplo, organizando círculos bíblicos que se disponham a ser atuantes. P. SUESS esclarece que “não é a utopia – o sonho da chegada – que une diferentes projetos de vida, mas sobretudo a busca comum *do e no* caminho.” E comenta: “Jesus se define o caminho, não a chegada”<sup>15</sup>. Em suma: à base de nossa caminhada está sempre “a *esperança* [que] não engana” (Rm 5,5).

### O segredo da “pequena cidade

Na parábola do Coélet há dois pormenores estranhos, que ainda nem mencionamos. Primeiro: se a cidade era tão pequena, como se explica a invisibilidade social do sábio que a salvou? Segundo: um homem capaz de, sozinho, salvar uma cidade sitiada não conseguia administrar suas finanças e evitar a pobreza? Estranho, não?

Lembremos, primeiramente, que não estamos diante de um fato acontecido: é uma *parábola*, reflexão em forma de história, por sinal, bem didática para todo tipo de pessoas. Em vez de teorias, a parábola apresenta uma situação, puxando a língua dos ouvintes ou leitores para comentários. Gosta do paradoxal, misterioso, inesperado; deixa em aberto muitas perguntas que suscita, convidando à reflexão. Por isso, é um gênero literário que se presta bem para refletir sobre a vida, a História, o mistério de Deus. Dá azo a diversas leituras. Muitas vezes, explora o paradoxal, o escandaloso. Presta-se a debate e atividades variadas.

Voltemos à nossa parábola. Apesar de tão lacônica, ela cita duas vezes o *ostracismo* em que viveu o sábio: antes e depois de sua atuação. O Coélet insinua que foi consequência de insuperável preconceito social. Sem dúvida. Mas há motivos para crer que essa é apenas a ponta do iceberg. De fato, a Bíblia conhece outro tipo de isolamento, considerado positivo: é a *solidão* voluntária do “justo”, que se vê ilhado numa vizinhança ávida de valores que não são os dele. O jeito é isolar-se de algum modo, assumindo as consequências. Será o caso aqui? A pobreza desse homem seria, então, sinal de sabedoria que vem da fé. Vale a pena garimpar nessa direção, pois é uma situação que ocorre com frequência na história do judaísmo.

Começemos por um texto emblemático. Em Nm 22–24, lemos o estranho bloco narrativo centralizado no adivinho/mágico babilônico *Balaão*: contratado para amaldiçoar Israel, Deus manda que bendiga esse povo. Aqui, interessa-nos

15. Cf. Paulo SUESS, 2002.

uma afirmação do primeiro de seus quatro oráculos: “Do alto dos rochedos o vejo, do alto das colinas o contemplo. É um povo que vive *isolado*, e não se inclui no número das nações” (Nm 23,9)<sup>16</sup>. Trata-se da *solidão* de Israel, vivendo no meio de nações pagãs; bem como dos “justos” importunados por seus irmãos israelitas de outras tendências.

Essa situação tornou-se aguda no pós-exílio, motivada primeiro pela disputa entre os que voltaram da Babilônia e os que tinham ficado em Judá, ocupando os imóveis desocupados pelos exilados. Depois, com a difusão do helenismo também na Palestina, surge a tensão entre os filo-helenistas e os rigorosamente conservadores. Mais tarde ainda, é o choque entre os partidários dos asmoneus, que usurparam poderes sacerdotais e da realeza, e os rígidos defensores da Torá. Quando da ocupação romana da Palestina, até os grupos de resistência estavam desunidos. O Eclesiastes deve ter sido escrito pelo século III aC, quando os conservadores estavam “cercados”, na defensiva, em muitos lugares. Na diáspora, surgirão os bairros dos judeus e os guetos, que inicialmente eram iniciativa dos próprios judeus.

Qual o objetivo desse isolamento voluntário? Limites culturais e religiosos bem nítidos, viver de maneira diferente das outras nações e correntes internas, usando sinais distintivos de pertença, eram a maneira que encontravam de zelar a *manutenção* de suas crenças e valores, de sua identidade como povo ou grupo. Não misturar comidas, vestes, tecidos, espaços, relacionamentos, era exercício e sinal da determinação de não misturar sua religião com as de outros (cf. Levítico). O mesmo vale para as minuciosas prescrições culturais. Nem todos observavam essas normas com o mesmo rigor – um dos motivos de divisão interna, ora mais ora menos agressiva entre os judeus.

É também nesse contexto que deve ser vista a ascensão dos *fariseus* (*perushim* = separados/separatistas) – grupo organizado que zelava pelo cumprimento escrupuloso de todas as normas escritas e orais do judaísmo, também na política. Sua hegemonia chegará ao máximo depois da destruição do Segundo Templo em 70 dC. É a eles que o judaísmo deve sua sobrevivência. Como era de esperar, com a intensa difusão do helenismo com seus atrativos, surgiram duas tendências no próprio farisaísmo – a dos mais abertos às necessidades do momento (linha de Hillel), e a dos rigoristas (de Shammai).

A *solidão* do justo está bem retratada no *Salmo 1*, espécie de prelúdio ao saltério. O salmo descreve a *solidão* voluntária do justo e sua resposta aos que faziam chacota dos observantes. No início, é *o justo* (singular), que “*não* vai ao conselho dos perversos, *não* se detém no caminho dos pecadores, *não* se assenta

16. Outras traduções possíveis do último inciso: *e não é importante entre as nações*; ou: *e não se inclui* (ou: *não é contado*) *no número das nações*; ou ainda, com NEHER (de Jerusalém): *que ergue a tenda na solidão, coisa impensável entre as nações* (p. 2).

na roda dos zombadores”. A negativa, repetida três vezes, atesta firme decisão de distanciar-se dessa corja. No v. 4, já não há mais conselho e roda zombeteira de ímpios: viraram “palha que o vento espalha”; são substituídos pela alegre assembleia *dos justos* (plural: v. 5-6), enquanto o caminho dos ímpios “se esvai”. É a grande reviravolta (escatológica?) levada a cabo pelo Juiz divino. A solidão do grupo fiel compensa. Ora, o isolamento silencioso da minoria não deixa de ser tapa na cara dos perversos: como reação, virão preconceitos, estereótipos e chacotas por parte de liberais, inclusive com boicote comercial e consequente *pobreza* do justo. A *solidão* dos “justos” é testemunho de sua fidelidade à Aliança. É sobre esse pano de fundo que devemos ver a categoria bíblica do pequeno *resto* fiel de Israel, que vai se afunilando até a chegada do Messias.

A Bíblia traz toda uma galeria de personagens que, em momentos decisivos, resistiram *sozinhos* ou em grupo minoritário, ao cerco da contaminação religiosa: desde Débora e Jael (Jz 4), Sansão (Jz 16!), Elias no monte Carmelo (1Rs 18), Eliseu diante dos “meninos” zombadores (2Rs 2), passando pela anônima “mulher sábia da cidade” de 2Sm 20,15-22, até os macabeus e seus seguidores.

Com mais destaque, a parábola do Coélet faz pensar espontaneamente no livro de *Judite*: o embate com o poderoso inimigo dá-se em Betúlia. As cidades ao redor entregam-se ao conquistador ou são arrasadas por seu exército. Betúlia, cercada e exausta, já pensa em rendição. Judite reage: sozinha, mata o general em sua tenda, e assim, salva Betúlia. Essa Betúlia não figura no mapa: é símbolo da *Beit Eloah* (= casa de Deus), sitiada pelos grandes, libertada por uma *Jehudit* (= judia). Apesar de diferenças, chamam à atenção as semelhanças entre Jt e Ecl 9,14-16. Em ambos, está em jogo a *sábia* resistência de setores sadios do judaísmo ao cerco montado por poderoso inimigo. Quando são mulheres que “salvam a cidade”, elas também derrubam um ou mais *preconceitos*: Judite é *mulher, judia, viúva, cercada* por um exército irresistível. (Mas, à diferença do anônimo sábio pobre do Coélet, depois do sucesso de sua atuação, elas recebem o merecido louvor.)

Veio Jesus, o Messias esperado, e mostrou um novo passo: o que Deus nos pede é não só fidelidade, mas também espírito missionário. Aí, o afunilamento dos fiéis dará lugar a uma abertura de outro tipo, sem deixar de ser fiel à Torá. Até hoje, o judaísmo, e não só ele, está dividido pelo dilema *integração* na sociedade (assimilação) ou *segregação*.

O sábio pobre que salvou a pequena cidade não é o tipo do herói popular; é um forte, alimentado por profunda espiritualidade, que recusa ser “Maria vai com as outras”. Lido em âmbito coletivo: esse homem é o setor sadio de Israel, cercado por poderosas forças que querem convencê-lo a capitular.

A solidão profética marca a vida do judeu. Não é racismo nem ar de superioridade: é certeza de ser membro do “povo escolhido”, não para ser mais que os outros, mas para não sentir-se intimidado, inferior aos outros. Israel tem cons-

ciência de ser o menor de todos os povos (Dt 7,7); mas, graças à sua Aliança com Deus, que é fiel, sente-se forte. Essa certeza é alimentada por uma espiritualidade apropriada. Uma palavra sobre isso.

### *Espiritualidade do deserto*

Em visão superficial, o deserto é apenas lugar desolado, onde falta tudo, de sofrimento e renúncias. Para quem reflete, é símbolo do que é passageiro; lugar ideal de solidão, privacidade, intimidade, silêncio e reflexão, revisão de vida, purificação. No imaginário do judeu, é lugar da experiência do carinho de Deus, que o liberta, o acompanha na saída da escravidão, inspira seus sonhos de uma terra definitiva. Esse Deus fixa sua tenda no meio do acampamento de Israel, faz aliança com ele e confia-lhe o precioso dom da Torá escrita e oral. É o Deus que “est(ar)á aí”, nos tempos bons e nos momentos difíceis.

Israel saiu do deserto, mas o deserto não saiu dele. A Bíblia atesta o surgir de uma espiritualidade do deserto: tempo e lugar do primeiro amor entre Deus e o povo eleito (Os 2,16; Jr 2,2), o deserto será lembrado com saudade, como estímulo à coragem (Moisés e Elias no Sinai; Josué na Tenda, Ex 33,11), à conversão; lugar das grandes decisões; enfim, onde se aprende a escutar a voz de Deus e conversar com ele.

Os fariseus enriquecerão a espiritualidade do deserto com um conceito, ausente na Bíblia, mas inspirado nela, que, aos poucos, foi adquirindo lugar de destaque: a *Shekinah*, morada, ou presença gloriosa, de Deus na Tenda do acampamento, acompanhando seu povo. Uma vez estabelecidos na terra prometida, continua presente no Templo; depois da destruição do Segundo Templo, acompanha os judeus da “diáspora”, morando no “deserto dos *goyim*”. Na Idade Média, a *Shekinah* chegou a ser tida como o elemento feminino presente na divindade.

A espiritualidade do deserto encontra sua expressão celebrativa principalmente nos oito dias de Festa das Cabanas. Andar pelo deserto em busca da terra definitiva implicava não ter morada, abrigar-se em choças fracas, provisórias: Deus, e só ele, é que protegia o seu povo. Para lembrar isso, na festa de *Sukkot*, a família arma uma choça, deixando frestas em cima, para ver o céu; juntos, rezam o salmo 27, com ênfase no v. 5: “Ele me dará abrigo em sua cabana no dia da desgraça; ele me esconderá no escondido de sua tenda, e me levantará sobre a rocha”. É a celebração da proteção de Deus ao longo da caminhada. Também faz parte desse espírito a *mezuzá*; fica para a pesquisa pessoal.

Como João Batista (Lc 1,80), Jesus retomou essa tradição de espiritualidade ligada ao deserto: vida escondida durante mais de 30 anos; celibato, início da vida pública com 40 dias no deserto, distanciamento da família, pobreza radical; coragem de remar contra a corrente e ficar “sozinho”; as noites passadas em oração, isolado das multidões que o assediavam em sua vida pública; sitiado pelos pode-

rosos; na paixão e cruz, abandonado por quase todos os discípulos e beneficiados, aparentemente até pelo Pai (Mc 15,34 = Sl 22,2). Deixou como legado aos seus discípulos que é preciso “estar no mundo sem ser do mundo” (Jo 17,16).

O deserto continuará a ser referência do misticismo judaico (essênios e outros) e de espiritualidade cristã (anacoretas e monges).

## Esperança

Fizemos duas leituras da parábola de Coélet: uma focaliza a problemática do preconceito contra o pobre, por sábio que seja. Nessa leitura, o *final amargo da parábola* pode decepcionar: será que Coélet visou alimentar a resignação passiva dos pobres? Não: ele escreveu o que via e pensava. Nada a estranhar: a Bíblia é livro sincero, adulto; daí que o autor de Ecl não ficou satisfeito com um ingênuo *happy end*. No fim do seu escrito (12,8), ainda retoma seu pensamento central: tudo é bolha de sabão, *hével*. Um redator posterior é que achou prudente adoçar o realismo amargo, com um brevíssimo posfácio: em 12,9-12 limpa a ficha do autor, e no v.13, talvez por medo dos guardiões da ortodoxia, tenta dourar as ponderações do livro com uma bela pincelada teológica que, de improviso, corta o caminho da busca e reflexão de Coélet.

Essa leitura é até certo ponto plausível. Mas não totalmente. A parábola termina com uma deliciosa “contradição performativa”. Vamos ler de novo: “a sabedoria do pobre é desprezada e suas palavras não são ouvidas”. Deveras? O caso foi redigido pelo Coélet, e depois divulgado no mundo inteiro, de geração em geração, nos últimos 2.500 anos, como texto gerador de esperanzosa conscientização. O pobre que salvou a cidade não ficou esquecido: suas palavras nos dão a pensar até hoje. Desconhecido, desde o começo, ficou seu nome. E daí? Até nomes de grandes personagens costumam cair no esquecimento depois de poucas décadas. Que importa? Cumpriram sua missão; deixaram seu recado. Descansem em paz.

A releitura que fizemos da parábola, menos evidente, não nega o veneno do preconceito. Vai além: focaliza a *solidão* do salvador da cidade como resposta voluntária ao preconceito, mesmo que implique numa vida de *pobreza*. Provoca a pergunta: afinal de contas, quem é o *sábio* que salva a nossa cidade? *Como* manifesta essa sabedoria? As duas leituras complementam-se; ambas são permeadas por um espírito típico da Bíblia e do pobre, um horizonte sempre presente: a *esperança*. É como o ar que respiramos: quase não nos damos conta dele, mas é ele que nos mantém vivos. A esperança é a força que permeia todo o processo de superação do “cerco”, seja qual for.

Há um esperar “sentado”, e um esperar caminhando, agindo<sup>17</sup>. Na acepção forte da palavra, esperança é a atitude de quem *considera* possível o que deseja, e

17. O inglês distingue entre *to wait* e *to hope*. O alemão refina a distinção: *warten*, *erwarten*, *hoffnen*.

*faz* a sua parte para consegui-lo. Distingue-se do *otimismo*, mais vago, menos empenhado; e da *presunção*, que é autoconfiança imoderada. Não se confunde com *alienação*, que sobrevoa o chão da realidade externa e íntima do próprio sujeito; vive nas nuvens. A esperança manifesta-se ora na alegria, paciência, tolerância, ora na resistência, indignação, diversos tipos de defesa dos direitos humanos. É prevenção contra apatia, indiferença, derrotismo, desânimo, desespero.

De modo especial, interessa-nos a esperança cristã – *certeza* de que a expectativa mais radical de nossa vida se realizará; não por mera ação humana, mas por graça de Deus. A Aliança com Deus, no AT e NT, significa *confiança* mútua: podemos confiar neste Deus que confia em nós. Não é só uma virtude ou atitude; ou mera força especial para momentos especiais. Ela é o *horizonte* básico da vida como tal. E isso não apenas para o indivíduo: é o *dinamismo* que move a história, a sociedade, a família, a pessoa. Com razão, a mensagem central e mais completa do cristianismo é o mistério pascal da paixão, morte, ressurreição de Jesus Cristo, e efusão do Espírito Santo por parte do Pai. Esse mistério ensina a não desfocar o mistério do *mal* que nos envolve, mas a enfrentá-lo – com a firme esperança de que nossa história terminará com a superação não só do mal, mas de tudo o que é imanente e provisório. Daí, duas ameaças estruturais que desfiguram a esperança: limitá-la ao tempo, ou seja, ao imanente na história humana; e, no extremo oposto, limitá-la à realização na eternidade, esquecendo o tempo, a história<sup>18</sup>. Uma *escatologia* cristã com sólido embasamento cristológico entrelaça vida, paixão e ressurreição de Jesus; história com eternidade.

Nos anos 1930, a resistência às ditaduras de direita e esquerda fez florescer magníficas expressões de esperança vivida e refletida. Principalmente no pós-guerra, pensadores europeus analisaram a fundo a categoria *esperança*; foram relidos por uma plêiade de teólogos e biblistas. Eram motivados por um passado glorioso, com valores que era preciso recuperar e conservar, em vista da construção de um futuro ainda melhor.

Na América Latina e Caribe, o enfoque da esperança é mais radical<sup>19</sup>. Aqui, milhões de seres humanos penam um passado, que ainda não se encerrou, de humilhação, destruição de sua família, cultura e tradições. De uns tempos para cá, os pobres e pequenos perceberam que é preciso juntar forças, aceitar colaboração de quem os compreende, saudando cada chance como mais um passo animador. É a esperança em movimento, em contínua construção. Cerrando fileiras com os pobres, por caminhos nem sempre coincidentes, muitos que não tiveram aquela experiência amarga procuram analisar e codificar a situação, colocando a teoria e outros tipos de instrumental a serviço de práticas de libertação.

18. Ver DÍAZ MATEOS, Manuel. *A vida nova. Fé. Esperança, Caridade*. S. Paulo: Vozes, 1993, p. 224-228.

19. Ver GOLDSTEIN, H., verbete *Hoffnung* [Esperança], p. 93-95.

Alma dessa esperança é a fé em Deus, pai e amigo dos pobres e pequenos. A vida dos pobres é recheada de expressões religiosas. Por motivos às vezes duvidosos, os grupos religiosos multiplicam-se de maneira fora de controle; mas cresce certo ecumenismo pragmático, que beneficia um novo conceito, não formulado, de *espiritualidade* e de *religião*. É um êxodo *sui generis*, em nova modalidade da busca de uma “Terra sem males”. Tudo isso é esperança em ato, ainda que anônima; com defeitos que, até certo ponto, esse povo a caminho tem capacidade de ir saneando.

### A nossa “pequena cidade”

Coélet constatou uma realidade: a força do *preconceito* contra o pobre. Não era sua intenção pesquisar as raízes desse preconceito, para poder enfrentá-lo eficazmente. É notório que esse mesmo preconceito está ativo até hoje; e que pouco adianta ficarmos na mera denúncia: é preciso ir às suas raízes, e pôr mãos à obra para enfrentá-lo.

Numa sociedade em que o capitalismo econômico-financeiro e suas sequelas são a força motriz do sistema de valores, da cultura, da política e até da religião, é nessa direção que havemos de planejar o enfrentamento, em várias frentes, dessa realidade. A primeira medida que cabe aos grupos religiosos é, provavelmente, arrancar a máscara religiosa que esse capitalismo usurpou.

A leitura e “releitura”<sup>20</sup> da pequena parábola de Ecl 9,14-16 despertou-nos pistas interessantes. Recusando mera resignação passiva, vimos que o *sábio pobre* tem como *enxergar* a situação, e dar passos para furar o cerco: cultivando a *utopia*, a *esperança*, o “viver no mundo sem ser do mundo” (Jo 15,19), sem medo do *isolamento*, e do ódio de adversários que isso implica. Será uma solidão fecunda e atuante, congregando todos os que, na diversidade de tendências, estão dispostos a colaborar com a difusão do Reinado de Deus (Mc 9,40). Pensemos nas Comunidades Eclesiais, chamadas a ser oásis no *deserto*.

Wolfgang Gruen  
Colégio Salesiano  
Avenida Amazonas, 6825  
30510-000 Belo Horizonte. MG  
e-mail: gruen@salesiano.br

### Bibliografia

BÍBLIA SAGRADA. CNBB. 2001.

ALONSO SCHÖKEL, Luís (coord.). *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.

20. Para as “releituras” da Bíblia, ver “*A interpretação da Bíblia na Igreja*” III. A.1-3: p. 105-113.



- ALMEIDA CUNHA, Rogério Ignácio de. *Espiritualidade e teologia do trabalho*. S. Leopoldo: Oikos, 2013 (publicação póstuma).
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BENTO XVI. Exortação Apostólica *Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BRECHT, Bertolt. *Fragen eines lesenden Arbeiters* (1935) [Perguntas de um operário que lê]. Texto alemão acessível na internet.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CASALDÁLIGA, Pedro e VIGIL, José Maria. *Espiritualidade da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- COX, Harvey. *A Festa dos foliões*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- FEITOSA, Pedro. O conceito de conscientização em Paulo Freire como Norte metodológico para as Assessorias Jurídicas Universitárias Populares. *Revista Crítica do Direito*, n. 1 vol. 11 (4-10 julho 2011). Acess. na internet.
- FREI BETTO e BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GOLDSTEIN, Horst. *Kleines Lexikon zur Theologie der Befreiung*. Düsseldorf: Patmos, 1991. [Pequeno dicionário da teologia da libertação].
- GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio. Los pobres como lugar teológico. *Revista Latinoamericana de Teología*, Año 1 n. 3 (1984) 274-308.
- GRUEN, Wolfgang. *Catequese com os pobres*. Em: VV.AA. *A esperança dos pobres vive*. Coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2003, p. 471-483.
- LIBÂNIO, J.B. *Formação da consciência crítica. 1. Subsídios filosófico-culturais*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/CRB, 1978, p. 23-32.
- MAYER, Anton. *Der zensierte Jesus. Soziologie des Neuen Testaments*. Apresentação de Norbert GREINACHER. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Mohn, 1985. W. GRUEN fez dele ampla revisão em *Estudos Bíblicos* 61 (1999) 96-108; cf. crítica de A. ANTONIAZZI, *Ibidem*, no *Editorial*, p. 11.
- NEHER, André. *Alleanza e solitudine messianica. La solitudine di Israele*. Em *D e F Documenti e Fatti* (Milano) n. 11-12, Luglio-Ottobre 1975, p. 2-5.
- PIXLEY, Jorge; BOFF, Clodovis. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel. *A festa do povo. Pedagogia de resistência*. Petrópolis: Vozes, 1982.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Prefácio do Cardeal Joseph RATZINGER. São Paulo: Paulinas, 1994. [Original de 1993.]

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã*. Prefácio do Cardeal Joseph RATZINGER. São Paulo: Paulinas, 2002. [Original de 2001.]

SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da Libertação. Estrutura e conteúdo*. São Paulo: Loyola, 1992.

SUESS, Paulo. *Encontro e desencontro na busca da 'Terra sem mal'*. Reflexões para o IV Encontro de Teologia Índia, 'Em busca da Terra sem Mal', Assunção (Paraguai), 6 a 10 de maio de 2002. [www.missiologia.org.br/cms/User\\_Files/cms\\_artigos\\_pdf\\_50.pdf](http://www.missiologia.org.br/cms/User_Files/cms_artigos_pdf_50.pdf)

SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida: 40 palavras-chave para uma leitura do Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

WIESEL, Elie. *Al sorgere delle stelle. Testi*. Casale Monferrato: Marietti, 1985.